

ARQUITETURA CURRICULAR CIRCULAR: EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIRG

Américo Ricardo Moreira de Almeida¹

Alessandra Gomes Duarte Lima²

Paulo Roberto Albuquerque de Lima³

Catarina Taham Carvelo Muniz⁴

Antônio Rodrigues Nogueira⁵

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no Curso de Graduação em Jornalismo do Centro Universitário UnirG, do município de Gurupi-TO que, frente à nova dinâmica imposta pelo mercado com os desafios de manutenção e de viabilidade do Curso, implantou a arquitetura curricular circular, cujo projeto pedagógico foge aos padrões convencionais, pois proporciona que acadêmicos ingressantes e veteranos cumpram as disciplinas da arquitetura curricular reunidos em uma mesma sala de aula, possibilitando assim um aprendizado trans e interdisciplinar, por meio de práticas pedagógicas como a aprendizagem baseada em problemas e metodologias ativas. A proposta está baseada principalmente no pensamento de Edgar Morin, que se opõe à separação dos saberes diante de uma sociedade complexa.

PALAVRAS-CHAVE

Complexidade. Curso de Jornalismo. Currículo Escolar.

1. INTRODUÇÃO

O relato de caso que será descrito neste trabalho é inédito no Brasil, principalmente ao se considerar a área de comunicação. Basta pesquisar em qualquer tipo de sítio de busca para verificar sua inexistência.

Para a compreensão do caso e entendimento de seu contexto é essencial esclarecer que o Centro Universitário UnirG é mantido pela Fundação UnirG, antiga Fundação Educacional de Gurupi, que foi criada pela Prefeitura Municipal de Gurupi no ano de 1985, ou seja, em uma época em que era permitida a criação de fundações educacionais públicas, que para sua manutenção podiam cobrar mensalidades, o que foi impedido pela Constituição Federal de 1988.

¹ Administrador, Doutor em Comunicação e Cultura Contemporânea, Professor Titular III do Centro Universitário UnirG, consultor *ad hoc* do Ministério da Educação/INEPE. E-mail: ricardoalmeida@ricardoalmeida.adm.br

² Relações Públicas, Mestre em Gestão e Desenvolvimento Regional, professora adjunta I do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UnirG. Email: aleduarte@unirg.edu.br

³ Jornalista, Mestre em Comunicação e Sociedade, professor substituto e coordenador de Estágio do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UnirG. Email: pauloalbuka@gmail.com

⁴ Jornalista, Especialista em Metodologia da Educação no Ensino Superior, professora substituta e coordenadora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UnirG. Email: catarina_muniz@yahoo.com.br

⁵ Jornalista, Especialista em Assessoria de Comunicação e Novas Mídias, professor substituto do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UnirG. Email: thonyjornalista@gmail.com.

Afirmar que o mercado educacional brasileiro sofreu e vem sofrendo grandes modificações se tornou um lugar comum e uma vivência experimentada pela maioria dos atores que trabalham no setor. Entre diversos fatores decorrentes dessas mudanças, aparece o excesso de oferta de vagas e a evasão dos alunos durante a formação, não se esquecendo da chegada do modelo de educação a distância (EAD), que contribuiu para a alteração significativa do mercado.

Outra característica do contexto vivenciado no relato é o município de Gurupi e a região na qual ele é polo. Segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2018), Gurupi possui aproximadamente 85 mil habitantes com uma renda média de 2,1 salários mínimos. Os municípios de sua macrorregião possuem um poder aquisitivo ainda menor.

Buscar uma solução para essa realidade foi o que moveu a equipe do Curso de Jornalismo do Centro Universitário UnirG, de Gurupi, no Tocantins. O fato de ser uma fundação pública que sobrevive da cobrança de mensalidades faz da UnirG uma IES pública diferenciada, pois possui as características próprias das instituições públicas, como por exemplo, a exigência de concursos para contratação de colaboradores, realização de concorrência para aquisição de insumos, a obediência à Lei de Responsabilidade Fiscal e, por outro lado, precisa ter a eficácia de uma organização privada, pois depende do mercado para a atração e manutenção de seus alunos.

O pensamento de Edgar Morin, que serviu de base norteadora para as políticas do governo brasileiro no tocante à educação e principalmente à construção dos SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, serviu também de base para a criação da arquitetura curricular do novo Projeto Pedagógico de Curso – PPC, do Curso de Graduação em Jornalismo da UnirG.

O presente trabalho apresenta as bases conceituais que foram fundamentais para a construção do novo PPC, o desenho do projeto, a experiência de sua implantação e finalizando com os resultados até o momento conquistados.

2. A CABEÇA BEM-FEITA E A APRENDIZAGEM BASEADA EM PROBLEMAS

Morin (2003) inicia seu livro com esta dedicatória: “Este livro é dirigido a todos, mas poderia ajudar particularmente professores e alunos. Gostaria que estes últimos, se tiverem acesso a este livro, e se o ensino os entedia, desanima, deprime ou aborrece, pudessem utilizar meus capítulos para assumir sua própria educação”.

Desta forma, em “A cabeça bem-feita”, o antropólogo, sociólogo e filósofo francês aprofunda seu novo olhar sobre a educação, uma educação que deveria estar voltada à nova complexidade da sociedade e que, a seu ver, a educação tradicional não conseguiria mais responder aos novos contextos sociais.

O pensamento de Morin está expresso em diversas obras, principalmente nos seis volumes que compõem “O Método”. Em “Método I - A Natureza da Natureza” (1987), o autor começa a construção de uma nova proposta para o ensinar, ao analisar na primeira parte da obra “a ordem, a desordem e a organização”.

A organização é um conceito original, se concebermos a sua natureza física. Introduz então uma dimensão física radical na organização viva e na organização antropossocial, as quais podem e devem ser consideradas como desenvolvimentos transformadores da organização física. Assim, a ligação entre física e biologia já não pode limitar-se à química, e nem sequer à termodinâmica, tem de ser organizacional. A partir daí, importa, não só articular a esfera antropossocial e a esfera biológica, mas também articular uma e outra com a esfera física: física → biologia → antropossociologia (MORIN, 1987, p.14).

Assim, se inicia a percepção de que as “gavetas do conhecimento”, típicas do ensino tradicional, deveriam ser quebradas. Esta compreensão se torna muito difícil em um ambiente no qual a prática está centrada no modelo tradicional, em que a maioria dos atores ainda não conseguiu, sequer, ultrapassar a discussão da necessidade ou não de se abandonar os pré-requisitos.

Morin é radicalmente contra a separação dos saberes na sociedade complexa que se vivencia. O filósofo é contra a especialização que tomou conta da educação, acarretando até na hiperespecialização. Para se fazer entender, Morin (*in* MENDES, 2003, p. 69) traz o seguinte exemplo:

... a economia, que é a ciência social matematicamente mais avançada, é a ciência social e humanamente mais atrasada, pois ela se abstraiu das condições sociais, políticas, psicológicas, ecológicas, inseparáveis das atividades econômicas. Esse é o motivo pelo qual seus especialistas são cada vez mais incapazes de prever e de prever o movimento econômico, mesmo a curto prazo.

O pensamento complexo é a solução que Morin defende para nosso tempo, pois, para ele, este é o maior desafio do homem contemporâneo. Para o sociólogo, o modelo do pensamento científico clássico foi construído com base em três pilares: “a ‘ordem’, a ‘separabilidade’ e a ‘razão’” e, segundo seu entendimento, estas bases foram abaladas pelo desenvolvimento ocorrido “inclusive pelas ciências”. (MORIN, 2000, p. 199).

Para Morin (2000, p. 199), a ciência e por conseguinte a educação, se baseava na existência de uma “ordem” e essa concepção é oriunda de uma visão “determinista e mecânica do mundo”. Desta forma, qualquer “desordem” que se apresente vai ser

classificada como uma “ignorância provisória” que necessariamente deveria ser “descoberta”. “O pensamento complexo, longe de substituir a ideia de desordem por aquela de ordem, visa colocar em dialógica a ordem, a desordem e a organização.”

O segundo pilar da ciência clássica, “a separabilidade”, é oriundo do pensamento cartesiano, que para “resolver um problema” é necessário “decompô-lo em elementos simples”. Morin afirma que foi justamente este pensamento o nascedouro da especialização e sua decorrente hiperespecialização disciplinar e, por um outro aspecto, a “ideia de que a realidade objetiva possa ser considerada sem levar em conta seu observador” (MORIN, 2000, p. 199).

“O terceiro pilar do nosso modo de pensar é o da lógica indutivo-dedutivo-identitária identificada com a Razão absoluta”. Assim, o pensamento baseado na Razão clássica se baseava em “três princípios: da indução, da dedução e da identidade (quer dizer, a rejeição da contradição)”. Para desconstruir esta ideia, Morin cita Popper que, segundo ele, foi o primeiro autor a contrapor o pensamento clássico. Morin destaca que Popper “ressaltou que não se podia, em todo o seu rigor, impor uma lei universal, tal como ‘Todos os cisnes são brancos’, pelo único fato de que não se tenha jamais visto um negro”. Desta forma, Popper consegue demonstrar que a “indução tem incontestavelmente um valor heurístico, mas não um valor de prova absoluta”. (MORIN, 2000, p. 200).

Para Morin, mesmo diante desses pensamentos hegemônicos, a ciência foi capaz de criar um pensamento que reunia aquilo que sistematicamente estava separado, o pensamento sistêmico que nasceu na biologia e conseguiu influenciar outras áreas do pensamento humano. Uma dessas áreas é o da Teoria Geral da Administração, na qual o pensamento sistêmico passou a ser fundamental.

A teoria dos sistemas lança igualmente as bases de um pensamento de organização. A primeira lição sistêmica é que ‘o todo é mais do que a soma das partes’. Isso significa que existem qualidades emergentes que nascem da organização de um todo e que podem retroagir às partes. Assim, a água tem qualidades emergentes com relação ao hidrogênio e ao oxigênio que a constituem. Acrescento que o todo é igualmente menos do que a soma das partes porque as partes podem ter qualidades que são inibidas pela organização do conjunto. (MORIN, 2000, p. 202).

Além da Teoria dos Sistemas, Morin (2000, p. 201) cita mais duas condições que afetaram de vez o pensamento clássico. “A teoria da informação é uma ferramenta para o tratamento da incerteza, da surpresa, do inesperado”. O autor completa: “a informação que indica o vencedor de uma batalha resolve uma incerteza; aquela que anuncia a morte súbita de um tirano traz o inesperado e, ao mesmo tempo, a novidade.”

Complementando os três fatores que auxiliaram a mudança, Morin (2000, p. 202) aponta a que “A cibernética é uma teoria das máquinas autônomas”. A cibernética traz em si a “ideia de retroação, introduzida por Norbert Weiner, rompe o princípio da causalidade linear e introduz a ideia de círculo causal”.

Sob sua forma positiva, o *feedback* é um mecanismo amplificador, por exemplo, na situação de agravamento dos extremos de um conflito armado. A violência de um protagonista conduz a uma reação violenta, inflacionistas ou estabilizadoras, são legiões de fenômenos econômicos, sociais, políticos ou psicológicos. A ideia de retroação havia sido pressentida por Marx, quando ele dizia que a infra-estrutura material de uma sociedade produz a superestrutura (social, política, ideológica), mas, em troca a superestrutura retroage à infra-estrutura material... (MORIN, 2000, p. 202).

A transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade nascem desse novo pensamento. Diante de um mundo complexo não é mais possível pensar na separação das disciplinas, pois o aluno não vai conseguir por si realizar todas as conexões necessárias para entender seu entorno. Justamente por isso, não é mais viável o modelo antigo das “grades” curriculares que aprisionam e separam os conteúdos e, assim, são incompetentes para proporcionar aos aprendizes as soluções dos problemas que terão de enfrentar depois de formados, pois serão conteúdos soltos e desconectados, que não fazem hoje o menor sentido.

Desde de 1998, o Ministério da Educação – MEC indicou que as Instituições de Ensino Superior – IES do País deveriam adotar a Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP, pois a elas caberia capacitar os alunos com as habilidades e competências requeridas pela nova sociedade. Após 20 anos, pode-se perceber que muitas IES ainda não conseguiram entender e muito menos adotar os princípios norteadores que servem de base para a discussão realizada neste trabalho.

A filosofia que construiu o novo PPC do Curso de Graduação em Jornalismo da UnirG veio também do relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, elaborado por uma comissão presidida por Jaques Delors que instituiu os quatro pilares da educação.

A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.**

- **Aprender a conhecer**, combinando uma cultura geral, suficientemente ampla, com a possibilidade de estudar, em profundidade, um número reduzido de assuntos, ou seja: aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo da vida.
- **Aprender a fazer**, a fim de adquirir não só uma qualificação profissional, mas, de uma maneira mais abrangente, a competência que torna a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e a trabalhar em equipe. Além disso, aprender a fazer no âmbito das diversas experiências sociais ou de trabalho, oferecidas aos jovens e adolescentes, seja espontaneamente na sequência do

contexto local ou nacional, seja formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.

- **Aprender a conviver**, desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerenciar conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

- **Aprender a ser**, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar-se.

- No momento em que os sistemas educacionais formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento das outras formas de aprendizagem, é mister conceber a educação como um todo. Essa perspectiva deve no futuro **inspirar e orientar as reformas educacionais**, seja na elaboração dos programas ou na definição de novas políticas pedagógicas. (DELORS, 1996, p. 31 e 32 – grifo dos autores).

Desta forma, o relatório da UNESCO aponta uma nova visão para a educação, que sai do modelo tradicional que era centrado no “aprender a aprender” para um novo modelo da aprendizagem baseada em problemas e que foca no estudante, para dar-lhes condições de adquirir os conhecimentos necessários para desenvolver as habilidades e competências que serão articuladas para a resolução dos problemas.

Neste novo contexto, o professor deixa de ser aquele personagem que apenas “professa” o conteúdo teórico e passa a ser a figura que irá mediar o conteúdo utilizando as situações problemas, relacionando as temáticas com o conteúdo. Assim, as “metodologias ativas” passam a ser ferramentas fundamentais no processo ensino-aprendizagem.

Silberman (1996) resume os princípios das metodologias ativas da seguinte maneira:

O que eu ouço, eu esqueço; O que eu ouço e vejo, eu me lembro; O que eu ouço, vejo e pergunto ou discuto, eu começo a compreender; O que eu ouço, vejo, discuto e faço, eu aprendo desenvolvendo conhecimento e habilidade; O que eu ensino para alguém, eu domino com maestria (SILBERMAN *in* RICHARTZ, 2015, p. 298).

Com base em tais premissas, a equipe de professores pertencentes ao Núcleo Docente Estruturante – NDE do Curso de Jornalismo da UnirG formulou seu novo Projeto Pedagógico no ano de 2015.

3. A NOVA ARQUITETURA CURRICULAR

A arquitetura curricular circular foi construída nas ponderações sobre a complexidade da sociedade, respeitando as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Jornalismo e toda a regulamentação pertinente. O novo PPC surge como resposta ao cenário vivenciado pelos atores do referido Curso que não conseguia o número

suficiente de alunos para se completar as turmas iniciantes, pois, para a abertura de uma nova turma, a mantenedora exige que a sala de aula esteja ocupada com, no mínimo, 60% das vagas disponíveis. Devido a esta exigência, era preciso dispensar alunos interessados quando o percentual não era atingido. Assim, estabelecia-se o paradoxo: alunos eram dispensados em um cenário de difícil conquista, algo até então insolúvel diante da realidade do mercado educacional.

O PPC também teve por base a experiência realizada pelas Faculdades Machado de Assis – FAMA, de Curitiba/PR, que em 2014 deu início a esse novo modelo de arquitetura curricular em seu curso de Administração (ALMEIDA, 2014).

O novo Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo do Centro Universitário UnirG explica a dinâmica proposta:

A presente matriz será ofertada por disciplinas e não por períodos. Esta fórmula tem como objetivo flexibilizar os currículos, melhorar o aproveitamento da turma a partir da interação entre acadêmicos veteranos e novatos e otimizar os recursos materiais e humanos. Nesta proposta, a cada semestre letivo será ofertado um grupo de disciplinas previamente definidas pela Coordenação do Curso de Jornalismo. Todos os acadêmicos serão matriculados em uma mesma turma até o número máximo de 30 alunos. A partir deste número serão abertas novas turmas, tantas quanto necessárias para os demais acadêmicos, ofertando, preferencialmente, disciplinas já cursadas pela turma mais antiga em curso. Assim, para integralizar o currículo, os acadêmicos deverão cumprir o total de 44 disciplinas somadas às comprovações das atividades complementares, não havendo pré-requisitos nem obrigatoriedade de ordem para que as matérias sejam cursadas. (LIMA *et al*, 2015, p. 26).

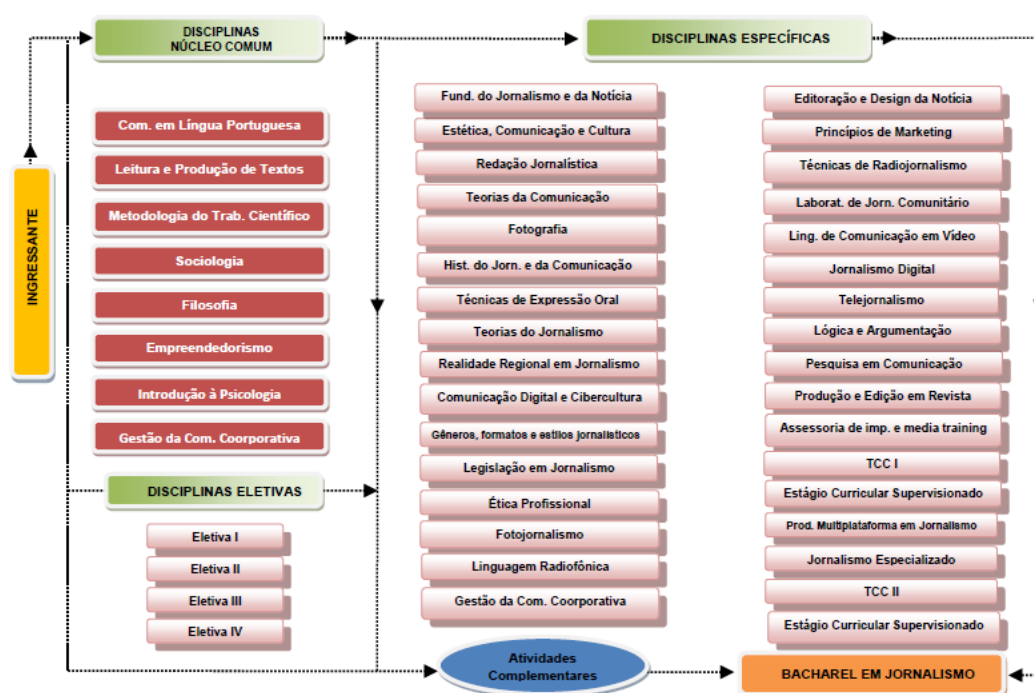


Figura 01 - Representação gráfica do perfil de formação
Fonte: Lima *et al*, 2015, p. 26

A matriz, proposta no novo PPC, trouxe ainda algumas mudanças significativas quanto à forma de oferta das disciplinas. Adotou-se a estratégia de mesclar conteúdos mais práticos como alternativa à tradicional e densa carga de teoria normalmente imputada aos ingressantes, algo que, imaginou-se à época, poderia fazer frente às altas taxas de evasão logo nos primeiros semestres do Curso e que vem sendo comprovado ao longo do tempo.

A aprovação do novo PPC por parte do Conselho Acadêmico Superior – CONSUP, do Centro Universitário UnirG, também requereu uma estratégia de convencimento, já que, devido ao seu ineditismo, muitos dos conselheiros ficaram reticentes com a proposta.

Apesar de enfrentar resistências em algumas instâncias, a nova proposta contou com o apoio da gestão da IES. A reitora do Centro Universitário UnirG, prof^a Dr^a Lady Sakay, coloca que as transformações dos sistemas produtivos, a velocidade das transformações tecnológicas, o incremento da concorrência e cobrança por resultados, qualidade, flexibilidade apontam cada vez mais que é necessária uma profissionalização da gestão das IES. “O perfil do discente tem mudado e as expectativas são baseadas em novos paradigmas, e precisamos construir novos formatos para nos aproximar dessa nova visão de ensino superior.” (SAKAY, 2018).

A reitora ressalta que o Curso de Jornalismo da UnirG está buscando uma nova configuração que tem a extensão como seu ponto forte, denominando-o como ‘curso extensionista’ em sua essência, colocando o discente em contato direto com as demandas de sua área desde o primeiro período, com um currículo totalmente aberto e que pode ser adequado ao longo do processo de formação. Para Sakay (2018), “A gestão tem buscado apoiar a implantação deste curso como uma experiência que vai contribuir para a mudança estrutural e pedagógica de formação dos demais cursos e áreas da IES”.

Outra situação que precisou ser enfrentada pela gestão e professores do Curso foi, a um só tempo, manter e aprimorar a perspectiva de que o Curso é um todo, portanto, interdependente; e dar uma espécie de “vida própria” a cada disciplina ofertada, na medida em que muitas delas mantinham-se atreladas aos pré-requisitos: Telejornalismo I e Telejornalismo II, Radiojornalismo I e Radiojornalismo II, para citar apenas dois exemplos da grade anterior. O desafio que se impôs era o de não só quebrar os pré-requisitos, mas, principalmente, de se encontrar meios de fazer os

alunos compreenderem os conteúdos ao ter entre os acadêmicos aqueles que já cursaram uma quantidade maior de disciplinas e aqueles que estão chegando sem nenhuma referência anterior.

A base teórica do pensamento de Morin precisou ser colocada em prática. Para efetivar as mudanças, cada professor debruçou-se nesta questão, cada um em sua área de interesse. Ementas, justificativas, objetivos, metodologias tiveram de ser alteradas para enfrentar os novos desafios.

4. A EXPERIÊNCIA DA IMPLANTAÇÃO

A experiência com o PPC reconstruído e com a arquitetura proposta para o novo Curso começa efetivamente no primeiro semestre de 2016, com o ingresso de 19 acadêmicos. A estes foram ofertadas cinco disciplinas, sendo elas: Língua Portuguesa; Fundamentos do Jornalismo e da Notícia; Estética, Comunicação e Cultura; Assessoria de Imprensa e *Media Training* e Fotografia.

Em 2016/2 ingressaram, na mesma sala, mais seis acadêmicos iniciando-se, assim, na prática, a arquitetura curricular circular, que não pode ser analisada em toda sua extensão haja vista que até este primeiro semestre de 2018 ainda não se completou a ‘circulação’. Ou seja, por enquanto, seguem sendo ofertadas cinco ou seis disciplinas a cada semestre e seguem todos os ingressantes em sala única. Os primeiros ingressantes completaram a metade do curso ao final de 2017.

Houve, até o presente momento, uma frustração quanto ao número de ingressantes por vestibular. Porém, se estivesse no modelo antigo, com certeza o Curso já teria sido descontinuado. Para demonstrar a demanda pelo Curso nesse período, apresenta-se no Quadro 1 o número dos ingressantes, desde a inscrição na *web* até a efetivação da matrícula durante o período do relato.

Quadro 1 – Dos inscritos aos matriculados

	Inscrições web	Inscrições efetivadas	Comparecimento a prova	Matriculados
2016/1	76	61	38	19
2016/2	23	16	12	6
2017/1	23	16	8	4
2017/2	24	13	6	4
2018/1	64	54	36	9

Fonte: Dados primários (2018)

A expectativa da Coordenação e dos professores era que já neste primeiro semestre de 2018 pudesse ser aberta uma nova turma, levando em consideração o bom número de

candidatos que se inscreveram para o exame seletivo. Foram 64 inscritos, mas apenas nove matrículas se concretizaram, o que reforça a nova proposta para garantir a continuidade do Curso.

Cabe ressaltar que a Coordenação do Curso e professores, com o apoio de alunos, em um espírito de ‘força-tarefa’, realizam ações específicas nos períodos de inscrição para o processo seletivo, na tentativa de prospectar e conquistar interessados a cursarem Jornalismo na UnirG. Dentre as ações pode-se destacar: uso da rede social *Facebook*, por meio da *fanpage* ‘UnirG Jornalismo’, pela qual compartilha-se todo o material relativo à campanha publicitária do vestibular da IES e também campanhas específicas desenvolvidas por professores e alunos do Curso; visitas à escolas da cidade e região com distribuição de folhetos; busca de apoios junto às prefeituras das cidades circunvizinhas; contato com alunos desistentes; criação de grupo no aplicativo *WhatsApp* específico para os interessados e contatos telefônicos durante todo o processo, iniciando-se com a inscrição do vestibular, até o momento da matrícula e começo do semestre letivo.

Entretanto, tal acompanhamento não cessa no momento da matrícula. A Coordenação do Curso busca desenvolver um ambiente de proximidade, companheirismo, parceria e amizade, fazendo com que os alunos se integrem melhor à jornada que se inicia. Deste modo, intenta-se oferecer um apoio diferenciado aos estudantes, observando suas necessidades, condições de vida, busca por estágios extracurriculares remunerados (internos e externos) cujas bolsas ajudam a custear as mensalidades, uma vez que a maior parte dos alunos que ingressam no Curso tem baixo poder aquisitivo, muitos advindos do interior e até de outros estados.

Em nível institucional, a UnirG também tem buscado alternativas para atrair novos alunos para seus cursos e também trazer de volta aqueles que, por questões financeiras, tiveram que abandonar os estudos. Mais recentemente foram lançados o Refis, que possibilita a renegociação de dívidas anteriores, com quebra de juros e multas ou parcelamento em até 60 vezes, e o CrediUnirG, que configura-se como financiamento estudantil bancado pela própria IES e que passou por reformulações no final de 2017. Agora, por meio deste, o acadêmico pode financiar entre 30% e 70% das mensalidades, sendo que o percentual varia de acordo com o curso escolhido.

Outro fator que deve ser registrado é a questão relativa ao número de disciplinas cursadas por alguns alunos que são em menor número que as oferecidas no semestre. Isso está relacionado ao custo financeiro suportado pelo acadêmico, ou seja, alguns

deixam de cursar no semestre algumas disciplinas para que sua mensalidade fique mais barata, o que acarreta na diferença de número de alunos entre uma disciplina e outra do mesmo semestre.

Para se ter uma ideia de até onde a experiência chegou, apresenta-se agora o Quadro 2 com as disciplinas já oferecidas pela nova arquitetura curricular e o respectivo quantitativo de alunos que as cursou.

Quadro 2 – Disciplinas ofertadas

Disciplinas 2016/1	Número de acadêmicos
Assessoria de Imprensa e <i>Media Training</i>	16
Estética, Comunicação e Cultura	16
Fotografia	16
Fundamentos do Jornalismo e da Notícia	18
Língua Portuguesa	16
Disciplinas 2016/2	Número de acadêmicos
Comunicação Digital e Cibercultura	11
Filosofia	10
Linguagem de Comunicação em Vídeo	13
Realidade Regional em Jornalismo	16
Redação Jornalística	13
Teorias da Comunicação	14
Disciplinas 2017/1	Número de acadêmicos
Editoração e Design da Notícia	12
Ética Profissional	12
Gêneros, Formatos e Estilos Jornalísticos	13
História do Jornalismo e da Comunicação	12
Introdução à Psicologia	10
Legislação em Jornalismo	12
Linguagem Radiofônica	12
Disciplinas 2017/2	Número de acadêmicos
Jornalismo Digital	13
Leitura e Produção de textos	14
Princípios de Marketing	14
Técnicas de Expressão Oral	15
Técnicas de Radiojornalismo	11
Teorias do Jornalismo	08
Disciplinas 2018/1	Número de acadêmicos
Empreendedorismo	22
Introdução à pesquisa e Metodologia do Trabalho Científico	20
Gestão da Comunicação Corporativa	22
Lógica e Argumentação	24
Marketing Político e Eleitoral	11
Telejornalismo	22

Fonte: Dados primários (2018)

Cabem aqui alguns registros feitos junto aos personagens nessa mudança de paradigma do Curso de Jornalismo da UnirG, a começar pelos professores. Por ter tamanho reduzido, o corpo docente é composto por: Alessandra Gomes Duarte Lima, Américo Ricardo Moreira de Almeida, Antônio Rodrigues Nogueira, Catarina Taham Carvelo Muniz e Paulo Roberto Albuquerque de Lima.

É fundamental relatar a impressão dos atores principais dessa proposta. No segundo semestre de 2016, a experiência da arquitetura circular se inicia na prática com a entrada na mesma turma dos primeiros “calouros”. Com 16 acadêmicos, a disciplina “Comunicação Digital e Cibercultura” foi um grande experimento. Com uma ementa densa de conceitos complexos, porém absolutamente presentes em nossos dias, o desafio era fazer uma intervenção com as práticas educacionais que serviram de base para o projeto.

O professor Américo Ricardo M. Almeida (2018) trabalhou com muita leitura de texto e discussão dos temas antes de ir direto ao ponto com apenas a transmissão dos pensamentos dos vários autores referenciados na ementa. “Podemos perceber que trabalhando de forma diferenciada, provocando primeiramente a discussão do tema ao invés de simplesmente professá-lo, o envolvimento aumenta e as diferenças se diluem”. O professor lembra que: “Nas discussões alguns ‘novatos’ se sobressaíram aos ‘veteranos’, não aparecendo grandes diferenças de entendimento do que se estava colocando nos textos discutidos”. As ligações entre os textos e as experiências vividas com as novas tecnologias apareciam nas discussões naturalmente e assim realizar as pontes com os conceitos e pensamentos dos autores base foi muito mais tranquila. (ALMEIDA, 2018).

Samara Gomes Noleto ingressou nesse semestre e cursou a disciplina:

Não tive nenhuma dificuldade ou desconforto ao entrar em uma turma que já estava andando, até porque a dificuldade você encontra quando não busca meios para solucioná-la. Acredito que antes de escolher o curso de Jornalismo, já estava convicta de que era aquilo que eu sempre quis. Creio que esse foi o motivo pelo qual não enfrentei barreiras para mostrar o meu desempenho em sala de aula, até porque os professores exercem a disciplina com muito profissionalismo e os acadêmicos se encarregam de acolher os que estão entrando. A revisão que é feita dos pontos principais do Jornalismo é um gancho muito importante para não se sentir perdido. É claro que você precisa se identificar com o curso e ter força de vontade para superar os obstáculos. (NOLETO, 2018).

No segundo semestre de 2017, uma nova ação começou a ser realizada na nova arquitetura curricular. Foi posta em prática a visão de Silberman em relação aos princípios da metodologia ativa: “O que eu ensino para alguém, eu domino com maestria” (SILBERMAN in RICHARTZ, 2015, p. 298). Desta forma, organizados e

coordenados pelos professores, os acadêmicos veteranos prepararam uma aula especial para uniformizar conhecimentos básicos.

A experiência acaba de ser repetida em fevereiro de 2018, sob a supervisão do professor Paulo Roberto Albuquerque de Lima. Os veteranos tratam genericamente de temas que fazem parte das disciplinas específicas (Figura 2). “Os nossos professores tiveram seus desafios no princípio saindo de sua zona de conforto, e agora nós, acadêmicos, também fomos desafiados para nos colocarmos na posição de professor e ensinar o que já sabemos aos que estão chegando”, disse o acadêmico George Henrique Borges (2018), que está na metade do Curso, ou seja, é um dos que ingressou na primeira etapa da matriz, em fevereiro de 2016.

Figura 2 – Veterano ministra aula para calouros



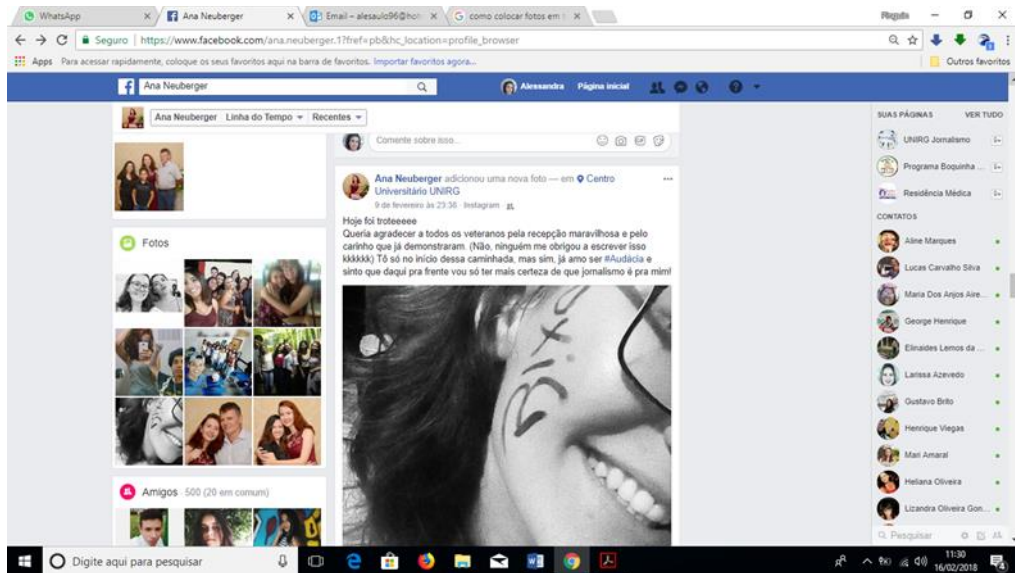
Fonte: Dados primários (2018)

Ele diz ainda que com esta atividade os veteranos assumem responsabilidade com eles mesmos, que é manterem-se atualizados com tudo o que está acontecendo dentro da profissão. Borges é um dos mais entusiasmados com a oportunidade de ‘dar’ aula sobre o que já aprendeu no curso.

Outro destaque é a cultura do acolhimento, que passou a vigorar desde a implantação da nova matriz. Os veteranos, dentro da realidade de dividir a mesma sala, acabam se envolvendo mais com os calouros e, a cada semestre, eles comemoram o ingresso dos novatos. O fato de estarem todos juntos ajuda nos laços de amizade e camaradagem. Neste primeiro semestre de 2018, por exemplo, foi retomado o trote, com moderação, bom gosto e sem exageros, e que recebe o total apoio inclusive dos novatos. “Hoje foi troteeeee! Queria agradecer a todos os veteranos pela recepção maravilhosa e pelo carinho que já demonstraram. (Não, ninguém me obrigou a escrever isso kkkkkk) Tô só no início dessa caminhada, mas sim, já amo ser #Audácia e sinto que daqui pra frente vou só ter mais certeza de que jornalismo é pra mim!”, afirma Ana Caroliny de

Oliveira Neuberger, caloura do Curso, em postagem na rede social *Facebook*. (Figura 3).

Figura 3 – Postagem espontânea de caloura em rede social



Fonte: *Print screen* de publicação em rede social *Facebook*

Anniela Cristina Coelho Santos é acadêmica ingressante no segundo semestre de 2017. Ela mora em Formoso do Araguaia-TO e vai e retorna para sua cidade todos os dias, distante aproximadamente 70 quilômetros de Gurupi. Tendo sempre estudado em escolas públicas, ela se sentiu preocupada inicialmente quando viu que teria que participar de uma sala com acadêmicos que estavam no Curso há três semestres e que já detinham um grau de conhecimento bem acima. A acadêmica elege duas hipóteses para o relativo sucesso que considera ter tido na fase de adaptação: a boa vontade dos colegas e a atenção dos professores. “No início achei estranho, mas o fato de apenas mais dois novatos terem entrado comigo, acho que facilitou o entrosamento. Procurei fazer amizades para tentar superar as dificuldades”. (SANTOS, 2018).

O rendimento nas avaliações tem sido observado de perto pelo corpo de professores e coordenação. A quebra dos paradigmas e as experiências desafiadoras também teriam de ser monitoradas na verificação dos conhecimentos adquiridos pelos acadêmicos. Cada professor teve liberdade para adotar suas estratégias de avaliação, mas entendeu-se, em conjunto, que era preciso atentar mais para o rendimento individual frente às atividades diárias, tanto dos novatos, enquanto principiantes, quanto dos veteranos, no exercício do compartilhamento.

Na opinião da professora Catarina Taham Carvelo Muniz, coordenadora do Curso, a quantidade de alunos em sala tem facilitado o trabalho de avaliação dos professores. Ela não considera problema ter de dar atenção a mais a um novato que, por contingência, tenha se deparado com alguma dificuldade no conteúdo e “Os professores, todos eles, adotam este tipo de comportamento”. (MUNIZ, 2018).

Não é possível identificar os novatos observando apenas as notas bimestrais, “Sempre tem alunos com dificuldades pontuais em determinadas disciplinas. Estamos resolvendo isso com atenção individualizada, pois sabemos que faz parte de nossa atribuição dentro das mudanças que fizemos”. (LIMA, 2018).

Fica assim evidenciada a preocupação da Instituição, por meio do seu corpo docente, com a aprendizagem significativa do aluno, seja ele novato ou veterano, uma vez que essa prática favorece o avanço em suas pesquisas e estudos, bem como para a sua autoestima, fatos estes que contribuem para que a sua vontade de prosseguir com o curso seja maximizada. Para Muniz (2018), “É gratificante ver os acadêmicos motivados e saber que estamos oportunizando a sua permanência no Curso e, conseqüentemente, na IES”.

5. CONCLUSÃO

A principal conclusão que se pode obter sobre a implantação da arquitetura curricular circular até o momento é de que sem ela o curso de Graduação em Jornalismo do Centro Universitário UnirG já estaria descontinuado.

No período de implantação da nova proposta tivemos 42 ingressantes e 20 desistências, conforme dados mencionados. Dessa forma, se a matriz curricular fosse a tradicional, provavelmente teria quatro turmas com uma média de cinco acadêmicos, ou seja, absolutamente inviável financeira e pedagogicamente, pois iria requerer mais que o dobro de discentes que trabalham atualmente no Curso.

A arquitetura curricular circular apresenta-se então como uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem ofertada aos acadêmicos, indo ao encontro dos preceitos defendidos por Morin e, ao mesmo tempo, surge como uma estratégia da IES, a fim de enfrentar os atuais desafios de oferta e demanda colocados pelo mercado educacional. O fator mais importante de toda a experiência, naturalmente, o aprendizado dos acadêmicos, vem sendo avaliado como excelente, pois a participação em sala bem como os desempenhos nas avaliações são os pontos principais que podem comprovar e qualificar o experimento como absolutamente viável.

Sair da zona de conforto foi uma condição básica para que o novo PPC fosse construído e colocado em prática. A disponibilidade dos atores em mudar radicalmente suas práticas pedagógicas foram assim essenciais.

Assim como a aprendizagem que hoje mais do que nunca é contínua, essa experiência não teve e nem terá um final e, desta forma, as conclusões se modificaram durante o tempo. Porém, conforme relatado, a expectativa dos participantes é extremamente positiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ricardo M. e SAMPAIO, N. V. **Relatório de avaliação de curso, reconhecimento**. Brasília: INEPE, 2014.

ALMEIDA, A. Ricardo M. **Entrevista** concedida a Paulo Roberto Albuquerque de Lima. Gurupi, 10 fev. 2018.

BORGES, George Henrique. **Entrevista** concedida a Paulo Roberto Albuquerque de Lima. Gurupi, 10 fev. 2018.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/gurupi/panorama>>. Acesso em: 16 fev 2018.

DELORS, Jaques (pres.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Paris: UNESCO, 1996.

LIMA, Alessandra Gomes Duarte *et al.* **Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Jornalismo da UnirG**. Gurupi: UnirG, 2015.

LIMA, Paulo Roberto Albuquerque. **Entrevista** concedida a Alessandra Gomes Duarte Lima. Gurupi, 12 fev. 2018.

MENDES, Cândido (org.) **Representação e Complexidade**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2003.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade**. Tradução: Nurimar Maria Falci. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução: Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. [Livro eletrônico] **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva. São Paulo: Cortez – Brasília: UNESCO, 2013.

_____. **O Método I A Natureza da Natureza**. 2ª edição. Tradução Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa América LDA, 1987.

MUNIZ, Catarina. **Entrevista** concedida a Alessandra Gomes Duarte Lima. Gurupi, 12 fev. 2018.

NOLETO, Samara Gomes. **Entrevista** concedida a Américo Ricardo Moreira de Almeida. Gurupi, 10 fev. 2018.

RICHARTZ, Terezinha. **METODOLOGIA ATIVA: a importância da pesquisa na formação de Professores**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, *on line*, Três Corações, v. 13, n. 1, p. 296-304, 2015. Disponível: http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2422/pdf_308. Acesso em 11 fev 2018. ISSN: 1517-0276.

SAKAY, Lady. **Entrevista** concedida a Alessandra Gomes Duarte Lima. Gurupi, 12 fev. 2018.

SANTOS, Anniela Cristina Coelho. **Entrevista** concedida a Paulo Roberto Albuquerque de Lima. Gurupi, 9 fev. 2018.